



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES JUNGUIANAS SOBRE ANÁLISES DOS SONHOS

Este trabalho tem por finalidade apreciar critérios para a análise dos sonhos a partir de uma avaliação baseada nos princípios propostos pela psicoterapia¹ junguiana.

No início do trabalho desenvolvido por Jung, este vivenciava uma época de franco desenvolvimento da psicologia do inconsciente. Por este tempo, ocupava o cenário, diversos tipos de métodos terapêuticos dentre eles o da sugestão, da persuasão, da ortopedia psíquica, do método educativo, do treinamento autógeno, da psicanálise ente outros. Para melhor compreendermos a perspectiva junguiana da análise dos sonhos é preciso entender os seguintes aspectos de sua teoria:

1. INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE:

A nova dimensão terapêutica proposta por Jung se deve ao fato de se reconhecer à possibilidade de analisar,² contrariamente a interpretar,³ os elementos imagéticos fornecidos pela experiência onírica de diferentes maneiras. Essa diferença tem por base os aspectos conceituais de uma evolução histórica que possibilitou a emergência de novos paradigmas.

Para Jung (CW 17, par. 189) os sonhos são manifestações independentes e espontâneas do inconsciente; afirma:

¹ **Psicoterapia:** trata-se de um procedimento dialético entre pessoas; onde por dialética entende-se como sendo o método para produzir novas sínteses (JUNG, CW 16i, p. 1, par. 1).

² **Análise:** “A arte da análise consiste seguir o paciente em todos os desvios e, assim, juntar suas ovelhas desgarradas.” (JUNG, CW 4, par. 643); deste modo, análise significa uma forma de terapia cuja finalidade é trazer para consciência conteúdos inconsciente. Também, etimologicamente, o significado atribuído a “análise” corrobora com a dimensão da teoria junguiana, uma vez que tem por significado: “ação de decompor um todo em suas partes componentes, observação, exame. (Do gr. *Anályses*).” (CUNHA, 2001, p. 43).

³ **Interpretar:** “traduzir, ajuizar da intenção, do sentido, (...), exprimir o pensamento. (Do lat. *interpretari*).” (loc. cit., p. 442), com base nesta significação é compreensivo perceber que ela está mais afeita à corrente de pensamento freudiana, uma vez que a interpretação de sonhos na corrente junguiana não se limita a traduzir conteúdos, mas alia à análise individual os motivos e símbolos próprios ao sonhador e soma-se a isto os motivos e símbolos do analista por meio de um “confronto” dialético. Contrariamente a este processo dialético, Freud propunha uma interpretação singular dos conteúdos oníricos.



Os sonhos não são nem criações deliberadas, nem arbitrárias; são fenômenos naturais, e nada mais do que aquilo que pretendem ser. Não enganam, não mentem, não distorcem ou mascaram... Estão invariavelmente procurando expressar algo que o ego não conhece e que não compreende.

Também definia o sonho, genericamente, como “*um auto-retrato espontâneo, em forma simbólica, da real situação do inconsciente.*”(CW 8ii, par. 505). Não só via o sonho pela perspectiva freudiana da causalidade, como também, o ampliava a uma perspectiva finalista. O enfoque unicamente causal tende a uma uniformidade de significado reduzindo a dimensão do símbolo a uma perspectiva empobrecida. Já a abordagem finalista conduzia a uma abordagem cujo fim é “*(...) percebe[r] na imagem onírica a expressão de uma situação psicológica alterada. Não reconhece um significado fixo dos símbolos.*” (CW 8ii, par. 471). Entende-se, de uma maneira sucinta, que “*A função geral dos sonhos consiste na tentativa de nos restituir o equilíbrio psíquico, produzindo um material onírico que, de modo sutil, restabelece o equilíbrio psíquico.*”(JUNG, 1996, p. 50).

O momento histórico transitava de uma psicologia clássica para um novo arcabouço teórico com vista à contemporaneidade. A psicologia tradicional, vivenciada por Freud, se apoiava sobre os alicerces das leis proposta pela, até então, revolucionária mecânica newtoniana e instrumentalizada nos moldes da nascente tradição científica. Contava com uma perspectiva dualista cujo pensamento era estruturalizante. Assim sendo, a nascente psicanálise voltava seus interesses e métodos para uma perspectiva que contemplava a propriedade e a função da psique conferindo-lhe uma natureza reducionista. (CAPRA, 1982, cap. 11).

Ainda por esta época, o organismo era considerado como sendo estruturado de forma independente e, até mesmo, conflituoso o que conduz a uma teoria dualista: id e superego, conforme proposto por Freud. É, neste momento, que o dualismo passa a ser considerado como um dos fatores responsáveis pela patologia mental, uma vez que o indivíduo deveria optar por uma escolha que contemplasse uma perspectiva em detrimento de qualquer outra possível. A visão fragmentada da realidade, daí advinda, é tida como o elemento fundamental para a compreensão dos processos mentais, ou seja, nasce o construto teórico da abordagem reducionista. Por fim, este processo conduz a cisão “mente e corpo”, o que em última análise contribuiu para as demais divisões entre psique e soma, psicologia e biologia, etc. (Loc. cit.).

Pode-se, deste modo, entender a proposta amplificadora que Jung (CW 8ii, par. 509) engendra nos sonhos quando passa a considerar o sonho como um drama interior: “*Todo trabalho onírico é essencialmente subjetivo e o sonho é um teatro no qual o próprio sonhador é a cena, o ator, o ponto, o produtor, o autor, o público e o crítico.*”; evoluindo de um pensar dual para um pensar dialético.

A nova concepção proposta por Jung acaba por favorecer a análise dos sonhos no nível subjetivo, onde as imagens daí oriundas passam a ser percebidas como representação simbólica da personalidade do sonhador que emergem para interagir com o mundo exterior.



Por este motivo, a interpretação, contrariamente a análise, implica num completo “esvaziamento” das, à frente citadas, antinomias,⁴ uma vez que sugerem significados, impressões e percepções de natureza genérica. Afirma Garcia-Rosa (1988, pp. 66-67) que:

O trabalho que transforma os pensamentos latentes em conteúdos manifesto, impondo-lhes uma distorção que os torna inacessíveis ao sonhador, é o que Freud chama de *elaboração onírica*; e o trabalho inverso, que procura chegar ao conteúdo latente partindo do manifesto que visa **decifrar** [grifo meu] a elaboração onírica, é o trabalho de *interpretação*. A interpretação é, pois, o oposto simétrico da elaboração onírica. Enquanto esta tem por objetivo impor uma cifra aos pensamentos oníricos, a interpretação tem por objetivo o seu deciframento.

Deste modo, é possível observar que Freud (1969) privilegia em seu método o processo interpretativo, considerando os conteúdos: genérico e sónico, em detrimento do individual que prioriza o simbólico.

(...), o método de interpretação dos sonhos que pratico já difere, nesse primeiro aspecto importante, do popular, histórico e legendário método de interpretação por meio do simbolismo, aproximando-se do segundo método, ou método de “decifração”. Como este, ele emprega a interpretação *en détail* e não *en masse*; como este, considera os sonhos, desde o início, como tendo um carácter múltiplo, como sendo conglomerados de formações psíquicas.

Por outro lado Jung vive sob a influência da nascente e revolucionária visão sistêmica, quântica e cujas tradições remontam às tradições espirituais. (CAPRA, 1982, cap. 11) Por esta época o construto intelectual se volta para uma perspectiva holística e dinâmica. Associando-se ao princípio da Gestalt, propriedade e função da psique não podem ser entendidas se forem reduzidas a elementos isolados, uma vez que se considera o organismo como um todo integrado capaz de conter padrões físicos e psicológicos interdependentes. A partir desta perspectiva, o dualismo passa a ser entendido como “sintoma” de patologia mental coletiva e cultural. A visão fragmentada da realidade constitui-se num “obstáculo” à compreensão dos processos da mente. Este fato reverte o processo de cisão iniciado pelo mecanicismo e aproxima as dualidades conferindo-lhes um carácter dialético, portanto, psique e soma, psicologia e biologia deixam de ser apreciados de forma estrutural para tornarem-se um processo subjacente.

⁴ **Antinomia:** filosofia: “na tradição cética ou em doutrinas influenciadas pelo ceticismo, tal como o kantismo, contradição entre duas proposições filosóficas igualmente críveis, lógicas ou coerentes, mas que chegam a conclusões diametralmente opostas, demonstrando os limites cognitivos ou as contradições inerentes ao intelecto humano.” (HOUAISS, 2001).



(Loc. cit.) Donde é possível compreender mais profundamente o que Jung (CW, 17, par. 180) quer dizer ao afirmar que:

O quarto método é a *análise do inconsciente*. Embora a análise anamnésica consiga revelar certos fatos inconscientes ao paciente, ela não é o que Freud teria chamado de “psicanálise”. Na realidade existe uma diferença significativa entre os dois métodos. O método anamnético ocupa-se, como já mostrei, de conteúdos conscientes e prontos para a reprodução, enquanto a *análise do inconsciente apenas começa quando os materiais conscientes estão esgotados*. Percebam que não chamo este quarto método de “psicanálise”, já que gostaria de deixar este conceito exclusivamente para a escola freudiana. (...), tive de optar por outro caminho, já que não me encontrava em condições de tomar por certa sua visão [de Freud] unilateral. Esse também é o motivo pelo qual prefiro falar desse método como método da *análise do inconsciente*.

Daí resulta a importância de se estabelecer um marco diferencial entre as formas de nomear os processos que envolvem o estudo e a compreensão das imagens oníricas; embora, em muitos momentos, ao longo das suas literaturas, tanto Freud quanto Jung utilizam ambos os termos, análise e interpretação, para expressar seus conceitos. E mesmo que, de algum modo, se dê em seus métodos um processo “interpretativo”, a pesquisa dos materiais oníricos, a utilização desses conteúdos e a apreciação dos mesmos são singularmente distintas; diz Jung (CW 16i, par. 9): “(...) *em essência, chegam a ser a mesma coisa. Na prática, porém, há uma enorme diferença entre interpretar alguma coisa como regressiva ou progressiva.*” Tal situação pode ser claramente percebida em terapias cujo método é técnico em detrimento do dialético. Um bom exemplo desta terapia sugestionadora ocorre com determinados cultos religiosos e sociedades primitivas por meio da chamada “doutrina mana”.⁵

2. ANTINOMIAS:

Uma das antinomias propostas por Jung (CW 16i, 1971, p. 2, par. 1) afirma que “*A psique depende do corpo e o corpo da psique*”.

Essa afirmação dispõe sobre a relatividade das “afirmações”. Se uma instância mensurável (objetiva: o corpo) depende de uma não mensurável (subjetiva: a psique), pode-se inferir que o produto subjetivo exerça relativa influência sobre o substrato objetivo.

Também é possível perceber que a individualidade torna-se relativa à medida que os conteúdos subjetivos são distintos, variáveis; por outro lado, observa-se que o

⁵ **Doutrina mana:** “(...) é um poder medicinal ou curativo, que existe em toda parte, fertiliza o homem, o animal e a planta, e dá força mágica ao chefe da tribo e ao curandeiro (...) identifica-se com algo de ‘extraordinariamente eficaz’, (...) aquilo que impressiona. Portanto, tudo que impressiona é ‘medicina’ na escala primitiva.” (JUNG, CW 16i, p. 4, par. 4).



psiquismo é também dotado de instancias comuns pertencentes a todos os indivíduos, o que em ultima análise, lhe confere uma natureza mensurável, portanto objetiva.

Paralelamente, os sonhos possuem essas características: (1) são objetivos porque são produzidos num local definido, na mente; (2) são subjetivos porque sua existência é possível através da produção de imagens, porém não podem ser quantificados ou registrados. Pode-se deduzir que os efeitos objetivos daí advindos relacionam-se com os padrões designados como “saúde ou doença”; já os efeitos subjetivos, com a sensação de “bem estar ou mal estar” do sonhador.

Ainda como sendo de natureza objetiva, possuem elementos experienciais comuns como arquétipos⁶ e signos⁷; e por natureza subjetiva, elementos experienciais singulares que se fazem representar por meio das imagens arquetípicas⁸ e símbolos⁹; o que possibilita aos elementos comuns (sígnicos) desdobrarem-se em elementos singulares (símbolos) tanto quanto a experiência sócio-cultural-existencial, daquele que sonha, permitir.

Sob a forma simbólica, os sonhos mostram a situação momentânea experimentada pela psique; diz Jung (CW 8ii, par. 545):

Uma vez que o significado da maioria dos sonhos não esta de acordo com as tendências da mente consciente, mas apresenta desvios peculiares, devemos admitir que o inconsciente, matriz dos sonhos, tem função independente. É isso que chamo de autonomia do inconsciente. O sonho não apenas deixa de obedecer a nossa vontade, como, freqüentemente, está em flagrante oposição com nossas intenções conscientes.

⁶ **Arquétipo:** são os elementos primordiais da psique humana como afirma Jung ao dizer que “*Os arquétipos... se apresentam como idéias e imagens, (...)*” (CW 8ii, par. 435); e completa “*(...) são, por definição fatores e motivos que ordenam os elementos psíquicos em determinadas imagens, caracterizadas como arquetípicas, mas de tal modo que pode ser reconhecida somente pelos efeitos que produzem.*” (CW 11, par. 222, nota 2).

⁷ **Signo:** ao tratar com materiais inconscientes (sonhos e fantasias) as imagens podem ser interpretadas semioticamente com os signos sintomáticos que indicam fatos conhecidos ou cognoscíveis; portanto, é a “*(...) designação comum a qualquer objeto, forma ou fenômeno que remete para algo diferente de si mesmo e que é us. no lugar deste numa série de situações (...)*” (HOUAISS, 2001).

⁸ **Imagem arquetípica:** forma ou representação de um arquétipo na consciência, ou seja, “*Não se deve confundir as representações [imagens] arquetípicas transmitidas pelo inconsciente com o arquétipo em si. Essas representações são formações amplamente variáveis, que nos remetem a uma forma básica [arquétipo] irrepresentável, caracterizada por determinados elementos formais e por certos significados, que, no entanto, só podem ser vagamente apreendidos.*” (JUNG, CW 8ii, par. 417).

⁹ **Símbolo:** é a expressão de algo desconhecido, são “transformadores de energia” do acontecimento psíquico e da experiência anímica do homem. Diz Jung “*Segundo entendo, o conceito de símbolo é bem diferente de um mero conceito de signo.*” (CW 6, par. 894), e conclui que “*O símbolo é sempre um produto de natureza altamente complexa, pois se compõe a partir dos dados de todas as funções psíquicas. (...), possui um lado que sede à razão, mas também um outro inacessível a ela, já que não se constitui apenas de dados de natureza racional, mas também de dados irracionais compostos a partir da pura percepção interior e exterior.*” (CW 6, par. 906).



Deste modo, é possível inferir que por um lado Jung contemplava certos preceitos freudianos a respeito dos sonhos, pois admite que em alguns casos os sonhos possuíam uma função de realização do desejo; como também admite que os mesmos revelavam impulsos infantis de poder, como preconizava Adler. Porém sua pertinácia se voltava sempre para o conteúdo simbólico dos sonhos, pois, acredita que as imagens oníricas sempre tiveram: (1) um papel compensatório na regulação da psique, (2) que sempre contêm motivações inconscientes percebidas nos relacionamentos e (3) revelam novas perspectivas frente às situações de conflito.

(...), há três possibilidades. Se uma atitude consciente, em uma situação vital, for em larga medida unilateral, então o sonho tomará o lado contrário. Se o consciente tiver uma posição moderadamente perto do “meio”, o sonho satisfar-se-á com variações. Se a atitude do consciente for “correta” (adequada), então o sonho coincidirá com esta tendência e lhe dará ênfase sem, contudo, perder sua peculiar autonomia. (Jung, CW 8ii, par. 546).

Uma segunda antinomia proposta por Jung (CW 16i, p. 3, par. 1) afirma que **“O individual não importa perante o genérico, e o genérico não importa perante o individual”**.

Dispõe tal proposição que a realidade que somos capazes de apreender implica numa conceituação de natureza geral, ou seja, é passível de ser percebida por meio do signo. No entanto, para compreender, ainda que parcialmente, o simbolismo contido no signo é preciso que o individual, se expressando livremente, por meio de sua experiência, evidencie os aspectos relevantes contidos no signo. Deste modo, o que uma sessão analítica (ou psicoterápica) pode fornecer são impressões simbólicas de ambos os envolvidos, analista/analizando, com vista a uma nova síntese que amplie as percepções e produzam mudanças.

3. ANTINOMIA E PSIQUISMO:

A antinomia pode ser percebida psiquicamente pela existência de uma diferença entre o “indivíduo coletivo”: com subdesenvolvimento da individualidade; e, o “indivíduo individualista”: com atrofia adaptativa ao coletivo. Isto recai sobre a análise do sonho a partir do seguinte ponto: até onde cabe ao terapeuta enfatizar (numa proposta “decifrativa”) o signo ou analisar (sob a ótica dialética) o símbolo?

Certo é que uma inversão de abordagem pode conduzir o paciente a um maior nível de subdesenvolvimento da individualidade, caso a abordagem se volte para um processo que exija do analisando um confronto dialético com seus símbolos. A possibilidade de fragmentação do mesmo aumenta em função do subdesenvolvimento que possui ou acredita possuir, pois, *“O homem genérico tem características primitivas, razão por que têm que ser empregado métodos técnicos em seu tratamento. É até um erro profissional tratar o homem coletivo de maneira que não seja a maneira*



'tecnicamente certa', isto é com métodos coletivamente reconhecidos e aceitos como eficientes." (Jung, CW 16i, p. 3, par. 4); e, isto se aplica ao hipnotismo como método eficazmente técnico, porém não analítico conforme acabou sendo percebido por Freud que o abandona em função da aplicação do método das "associações livres" como instrumento de análises dos sonhos. Assim sendo, pode-se inferir que um ser coletivo pode transformar-se pela sugestão.

Também produzirá maior atrofia adaptativa, se as considerações se fizerem unicamente sobre "ênfase" do signo, pois, parafraseando Jung, *o homem singular* tendo virtudes e talentos da ordem do individual, carece de uma abordagem *singularmente aceita*, uma vez que o analisando só pode tornar-se aquilo que ele é, pois "O caminho individual não pode prescindir do conhecimento das leis próprias do indivíduo, senão corre o risco de perder-se nas opiniões arbitrárias do consciente e separar-se do instinto individual, (...)" (Jung, CW 16i, par. 12) Esta situação requer que o terapeuta abandone o papel de "sujeito ativo" para se juntar ao "processo analítico".¹⁰

Esse "juntar-se ao processo analítico" se fundamenta no fato de que, a princípio, tanto Jung quanto Freud se utilizaram dos processos associativos para proceder à interpretação dos sonhos.

Há, como já vimos, uma variedade infinita de formas individuais de expressão. Elas podem ser interpretadas com o auxílio da pessoa que sonhou, que, então, contribuirá com o material para a associação, o chamado contexto da imaginação onírica. (Jung, CW 18i, par. 521).

Com a evolução dos estudos sobre complexos, Jung descobriu conteúdos particularizados, pessoais que passariam a ser utilizados para ampliar os contextos que serviam de pano de fundo às imagens oníricas. Distinguiu, a partir daí, duas naturezas interpretativas para os sonhos: a objetiva e a subjetiva. Na primeira, os processos investigatórios das imagens oníricas se fazem sobre seus próprios termos, as imagens são prontamente identificadas com elementos do mundo fenomenológico; na segunda, as imagens são compreendidas por uma perspectiva personificadora, ou seja, todos os elementos presentes nos sonhos expressam, de formas distintas, aspectos do próprio sonhador.

Todavia, quando se trata, por exemplo, de sonhos obsessivos, isto é que se repetem, ou de sonhos fortemente emocionais, nesses casos não bastam apenas às associações pessoais do paciente para que chegue a uma interpretação satisfatória. Em tais casos, precisamos levar em consideração o fato, já observado e discutido por Freud, de que surgem

¹⁰ **Processo analítico:** é um relacionamento dialético de longo prazo entre duas pessoas, analista e paciente, é dirigido para uma investigação do inconsciente do paciente, seus conteúdos, a fim de aliviar uma condição psíquica sentida como não mais tolerável por causa das interferências que tem na vida consciente, porém não desconsidera, omite ou alheia os elementos psíquicos do analista. [N.A.]



freqüentemente nos sonhos elementos que não são individuais e não podem ser deduzidos a partir das experiências pessoais. São eles, segundo Freud, os “sobre-restos arcaicos” (*arcbaische Überreste*); são formas espirituais cuja existência não pode ser esclarecida por meio da experiência pessoal e representam as formas originais, inatas e hereditárias do espírito humano. (Jung, CW 18i, par. 521).

Paralelamente, pode-se compreender que tais aspectos são também evidenciados na díade consciente/inconsciente. Nesta situação ocorre uma unilateralidade consciente alicerçada nos processos neuróticos de uma percepção analítico-redutiva que é compensada por conteúdos inconsciente que guardam em si a possibilidade de progressão, donde surge o trabalho com os sonhos que representam idéias e sugestões com características individuais que foram “subtraídas” da consciência por meio do processo regressivo, mas que se fazem representar em algum ponto da psique, ou seja, no mundo imagético dos sonhos.

Os sonhos, portanto, vão conter as imagens que foram subtraídas da consciência sobre a força dos padrões coletivos, mas, vão se fazer perceber a nível inconsciente como elementos estruturais constituintes de uma psique individual, uma vez que este caminho não pode prescindir do conhecimento de suas próprias leis de funcionamento (Jung, CW 16i, par. 12). Pois caso ocorra, o sujeito sucumbe às leis coletivas da consciência.

Conclui-se daí que se as imagens fantasísticas produzidas pela consciência estão, de certo modo, sob a tutela da coletividade, suprimindo as individuais. Quando esta última emerge do inconsciente, o faz de forma autônoma, automática e espontânea (loc. cit., par. 13). Pode-se dizer que as imagens se coletivizam como signos e se individualizam como símbolos [conclusão minha]; onde se observa que estes símbolos exteriorizam algo individual porque variam suas representações, porém mantêm o mesmo “tema ou motivo” (loc.cit.). Portanto, os processos mentais inconscientes, à medida que vão se tornando conscientes, se fazem representar por uma seqüência de imagens. (Jung, CW 16i, par. 13).

4. CONTEÚDOS MÍTICOS DAS IMAGENS ONÍRICAS:

O mundo onírico é povoado por ricas imagens que guardam relação com conteúdos “primitivos ou mitológicos” do processo evolutivo da psique. À medida que a evolução se impõe, por forças da natureza, tais conteúdos vão se aprofundando no inconsciente e imagens mais atualizadas vão compoendo os níveis mais superficiais da psique. No entanto, quando se instala um processo de desorganização, ou, quando surge uma fragilidade psíquica que põe à prova a integridade do equilíbrio psíquico, um processo autônomo é desencadeado tomando uma direção regressiva cujo fim é entrar em contato com as “estruturas ou unidades básicas” originadoras do desenvolvimento psíquico para que estas restabeleçam a integridade do sistema. É como se tais “unidades” contivessem o “mapa do desenvolvimento psíquico” (equivalente ao chamado “esquema corporal” encontrado no desenvolvimento neurológico do organismo humano), capaz de conduzir ao realinhamento do sistema. Portanto, os



motivos mitológicos (de natureza primitiva) desempenham na vida psíquica um papel semelhante ao dos linfócitos na vida orgânica, ou seja, oferecem imunidade e restabelecem o equilíbrio do organismo. Daí resulta a importância de serem consideradas e analisadas pelos profissionais que lidam com a saúde mental.

A importância destas imagens é tão expressiva que se encontra em Jung ricos comentários sobre sonhos: (1) inaugural, (2) arquetípico, (3) compensatório e (4) premonitório.

O sonho inaugural é entendido como sendo aquele que se tem quando se é envolvido em uma nova situação de vida. Nestes sonhos, encontram-se manifestações de fatores causadores de distúrbios neuróticos ou de situações existenciais bastante complexas. Isto faz deste tipo de sonho um importante instrumento de diagnóstico causal, uma vez que identifica motivações ocultas: *“Os sonhos, mais especificamente os sonhos inaugurais, ou seja, aqueles que se tem logo após o início do tratamento, trazem à luz, não raramente e de modo inconfundível, o fator etiológico essencial.”* (Jung, CW 16ii, par. 296). Tais sonhos também revelam uma condição prognóstica, pois as imagens oníricas podem identificar “possibilidades” de desenvolvimento, como ocorre em culturas primitivas e ritos religiosos, que acarretam a vivência de experiências que servem de “caminhos”, “indicadores” destas possibilidades.

O sonho arquetípico, também chamado “sonho grande”, é de natureza transpessoal. Enquanto os demais sonhos retratam experiências pessoais passíveis de análise, o arquetípico, é menos sondável:

“Os sonhos ‘grandes’ e significativos surgem dessa camada mais profunda. Sua significância se revela – sem considerar aqui a impressão subjetiva – já a partir de sua formalização plástica, que demonstra não raramente uma força poética e de beleza. Tais sonhos ocorrem mais freqüentemente em fases decisivas para o destino de nossas vidas, por volta da meia-idade (36 até 40 anos) e em *conceptu mortis*. Sua interpretação está sempre associada a dificuldades consideráveis, pois o material com o qual o paciente pode contribuir é muito escasso. No caso das construções arquetípicas, não se trata mais de experiências pessoais, mas, de certo modo, de idéias gerais, cujo principal significado reside em seu próprio sentido e não na relação com qualquer tipo de experiência pessoal.” (JUNG, CW 8ii, par. 555).

Outra importante característica dos sonhos arquetípico é o seu efeito fascinante, pois as imagens e símbolos neles manifestos envolvem conteúdos mitológicos, religiosos, tradições humanas transpessoais e contos de fada.

Os sonhos compensatórios tentam, também, estabelecer um equilíbrio psíquico. Deste modo, sentimentos, sensações, desejos e impulsos que não encontram uma representação e nem uma satisfação no mundo fenomenológico, acabando por se manifestar no mundo onírico. Este processo possibilita conhecer as demais oportunidades de manifestação que a alma humana é capaz de experimentar; portanto, pode-se concluir que o inconsciente sabe sobre o ser humano muito mais do que sua



consciência egóica é capaz de conhecer. No entanto, Jung (CW 18i, par. 521) é incisivo ao dizer que esta função compensatória expressa neste tipo de sonho não é facilmente compreendida, que requer uma “atenção”: *“Como o caráter compensatório dos sonhos só se manifesta claramente na minoria dos sonhos, é preciso reservar uma atenção toda especial à linguagem do sonho, que entendemos como simbólica. O estudo dessa linguagem é, por si só, quase uma ciência própria”*. Estes sonhos também podem conter um significado de advertência: *“O sonho compensa a carência de sua personalidade e, ao mesmo tempo, adverte quanto aos perigos do curso atual de suas vidas. Quando as advertências não são levadas em consideração, podem ocorrer acidentes reais como consequência.”* (Jung, 1996, p. 50).

Já os sonhos premonitórios são aqueles que indicam antecipadamente, por meio de sua imagética simbólica, uma premonição. Jung (1996, p. 51) trata esse aspecto do sonho, como tendo por fundamentação crises existenciais, com histórico longínquo, e, inconsciente.

Algumas vezes, os sonhos anunciam situações muito antes que elas aconteçam. (...) Muitas crises em nossa vida possuem uma história longa e inconsciente. Aproximamo-nos dela passo a passo, sem nos aperceber do perigo. Obviamente, o que não percebemos com a consciência é, no entanto, reconhecido pelo inconsciente e comunicado por meio dos sonhos.

É desse modo que, freqüentemente, os sonhos podem nos premunir; mas, com a mesma freqüência parecem não fazê-lo.

É importante lembrar que Jung (1996, p. 51) não só contempla, analiticamente, as partes “positivas” dos sonhos premonitórios, mas também analisa seu oposto complementar ao dizer que pelo fato de freqüentemente os sonhos se mostrarem omissos: *“(...) não devemos confiar sempre numa mão bondosa que age na hora certa para os tirar do perigo. Ou, para expressá-lo de modo mais positivo: às vezes parece que uma potência bondosa está em ação, mas outras vezes não.”*. E ainda, vai além em suas observações quando afirma que:

A mão misteriosa pode nos mostrar até mesmo o caminho da ruína; de vez em quando os sonhos se revelam como armadilhas, ou ao menos parecem ser assim. Eles se comportam como o oráculo délfico quando disse ao rei Cresos que, ao cruzar o rio Halis, ele destruiria um grande reino. Depois de ter cruzado o rio e sofrer uma derrota total na batalha, o rei descobriu que o oráculo se referia a seu próprio reino. (loc. cit., p.51).

Assim sendo, Jung (CW 8ii, par. 493) se coloca com uma certa reserva ao analisar as perspectivas oferecidas por sonhos desta natureza falando a respeito desta qualidade prospectiva dos sonhos. Chama a atenção para o fato de compreenderem-se



tais sonhos como elaborados a partir de uma “combinação antecipada de probabilidades” de ocorrências fenomenológicas possíveis de tornarem-se reais.

A função prospectiva, ao contrário, é uma antecipação que surge no inconsciente, relativa a realizações conscientes futuras, algo como um pré-exercício ou um esboço antecipado, um plano delineado *a priori*. Seu conteúdo simbólico representa, eventualmente, o desenvolvimento da solução de um conflito. (...) Seria injustificável chamá-los de proféticos, já que, em princípio, são tão pouco proféticos quanto o prognóstico de uma doença ou do tempo. Trata-se apenas de uma combinação antecipada das probabilidades que, eventualmente, também podem coincidir com o comportamento real das coisas, mas não coincidem necessariamente, nem têm de igualar-se em todos os detalhes. Apenas neste último caso poderíamos falar de profecia.

Ainda existem certos sonhos, ditos pesadelos, cujo propósito, num primeiro momento, parece ser destruturalizante, na verdade, cumprem sua tarefa equilibradora de uma maneira necessariamente desagradável.

A conclusão que se chega é que os sonhos, quando estudados e analisados a partir de uma seqüência, muitas vezes, revelam o processo de individuação de um ser humano, bem como, desvenda uma simbologia pessoal. Porém, cabe ressaltar que Jung (CW 16, par. 320) admoesta para o perigo de dar aos sonhos um valor exacerbado, pois caso isso venha a ocorrer o inconsciente passa a ter sobre o consciente uma influência danosa, patológica. Pois, o sonho e o sonhador só podem se relacionar sadiamente se a influência do ego for suficientemente capaz de explorar e integrar os conteúdos emergentes do inconsciente: “*Para compreender o significado do sonho devo ater-me, tão próximo quanto possível, à imagem onírica.*”

5. O LUGAR DO SABER PARA O TERAPEUTA:

Jung afirma que por ser a alma¹¹ um território em si mesmo dotado de leis próprias, acaba por não encontrar sustentação teórico-metodológica no campo das ciências biológicas. Contrariamente, no campo do espírito humano são ricas e imprescindíveis às fontes do conhecimento que permitem tal compreensão; a ponto de, poeticamente, Jung (CW 16i, par. 22) se referir a ele como sendo o “(...) *pai de toda a ciência.*”

¹¹ **Alma:** é definida por Jung como sendo “(...) *o elemento vital do ser humano, a vitalidade e, ela mesma a geradora dessa vitalidade; (...)*” (CW 9i, par. 56); e, completa “(...) *a alma não se interessa por nossas categorias de realidade. Para ela, em princípio, real (...), é aquilo que tem efeito. (...) para identificar a alma é preciso descobrir o quanto alma e consciência são diferentes.*” (CW 16i, par. 111). Portanto, para Jung a alma representa uma atitude interna e uma possibilidade de relacionamento com o inconsciente. Afirma: “(...) *A personalidade interna é o modo como uma pessoa se comporta em relação aos processos psíquicos interiores, é a atitude interna, o caráter que tal pessoa opõe ao inconsciente. Eu chamo (...) a atitude interna (...), de alma.*” (CW 6, par. 883).



Assim sendo, o profissional que deseja se dedicar à compreensão da alma humana, seu desenvolvimento, conteúdos e símbolos, necessita dedicar-se a aventura de conquistar (1) “um grande saber”, no campo das ciências espirituais; e, (2) a compreender os aspectos inerentes à diferenciação da personalidade do analista, ou seja, o analista tem que conhecer e dar conta dos seus conteúdos psíquicos, abrindo mão da postura de manter-se no anonimato.

6. O MOMENTO DE CADA ABORDAGEM:

Seguindo o princípio antionômico inerente aos signos/símbolos, bem como, ao mundo objetivo/subjetivo, encontram-se as abordagens: analítico-redutiva e sintético-hermenêutica como modelo de abordagem psíquica. Na primeira, o interesse (a libido) regride para o material reminescente, cuja representação é *sígnica*; na segunda, o material passível de evolução (ou seja, o elemento *sígnico*) encontra-se estagnado, cristalizado, porém oferece a possibilidade de progressão por meio de representação simbólica.

Aplica-se uma abordagem analítico-redutiva em situações neuróticas cujo conflito psíquico se situa entre a díade: cobiça e orgulho; ambas citadas como sendo “pecados capitais” por santo AGOSTINHO; e, recontextualizada por Freud e Adler como “princípio do prazer” e “vontade de poder”, respectivamente (Jung, CW 16i, par. 24). Portanto, enquanto se atua no campo das neuroses, ou seja, das sintomatologias ou do *soma*, a abordagem analítico-redutiva se mostra eficaz. No entanto, à medida que as sessões tornam-se repetitivas e começam a ser evidenciados conteúdos da ordem do mitológico, do simbólico, do imaginário, como materiais oriundos da psique do analisando, surge à necessidade de uma abordagem analógica¹² para com tais conteúdos, em outras palavras, uma abordagem sintético-hermenêutica que equivale ao método dialético com vistas à individuação.

Deve-se destacar que a abordagem analítico-redutiva prescinde de um contato mais freqüente entre analista e analisando; no segundo caso (sintético-hermenêutico) ocorre uma maior liberdade (menor freqüência) permitindo que o analisando elabore e vivencie com maior intensidade os efeitos “curativos” das imagens oníricas. Pois, é necessário que o paciente aprenda, nesta última abordagem, por si mesmo, a lidar com seus conteúdos inconscientes com o fim de incorporá-los à consciência por meio de uma atitude pessoal e solitária (loc. cit., par.26).

É importante salientar que quando a terapia precisa ir ao encontro dos conteúdos místicos e estes se mostram suficientes, Jung (CW 16i, par. 21) dispensa o método dialético alegando que não há razão para trabalhar psiquicamente uma evolução individual acima das necessidades do paciente

No entanto, quando o analisando é resistente à ação estruturante das imagens (sejam elas originárias de cultos, religiões, credo político, ...), faz-se necessária à

¹² **Analógico:** “(...) na filosofia grega de tendência matematizante, identidade de relação entre pares de conceitos dessemelhantes.”, “esp. na filosofia moderna, processo efetuado através da passagem de asserções facilmente verificáveis para outras de difícil constatação, realizando uma extensão ou generalização probabilística do conhecimento.” (HOUAISS, 2001).



aplicação do método dialético às imagens oníricas; pois, por conterem elementos míticos, exigem do analisando e do analista uma postura ativa, inquiridora e pesquisadora, em outras palavras, sintético-hermenêutica.

BIBLIOGRAFIA:

CAPRA, Fritjof. “*O ponto de mutação*”. São Paulo: Cultrix, 1982. Cap. 11.

CUNHA, A. G. da. “*Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. 2ª ed, 1986. 9ª imp., dez., 1997.

FREUD, Sigmund. “*Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*”. Rio de Janeiro: Imago, [19__]. 1 CD-ROOM.

GARCIA-ROSA, L. A. “*Freud e o inconsciente*”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. 4ª ed.

HOUAISS. “*Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*”. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Versão 1.0. 1 CD-ROOM.

JUNG, Carl Gustav. “*Freud e a Psicanálise*”. Petrópolis: Vozes, 1971. CW 4.

_____. “*Tipos psicológicos*”. Petrópolis: Vozes, 1971. CW 6.

_____. “*A natureza da psique*”. Petrópolis: Vozes, 1971. CW 8ii.

_____. “*Os arquétipos e o inconsciente coletivo*”. Petrópolis: Vozes, 1976. CW 9i.

_____. “*Interpretação psicológica do dogma da trindade*”. Petrópolis: Vozes, 1971. CW 11ii.

_____. “*A prática da psicoterapia*”. Petrópolis: Vozes, 1971. CW 16i.

_____. “*Ab- reação, análise dos sonhos, transferência*”. Petrópolis: Vozes, 1971. CW 16ii.

_____. “*O desenvolvimento da personalidade*”. Petrópolis: Vozes, 1972. CW 17.

_____. “*O Homem e seus Símbolos*”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

Dr. Maurício Aranha - Médico pela Universidade Federal de Juiz de Fora; Especialista em Neurociência e Saúde Mental pelo Instituto de Neurociências y Salud Mental da Universidade da Catalunya; Pesquisador do Núcleo de Psicologia e Comportamento do Instituto de Ciências Cognitivas. E-mail: dr_mauricioaranha@yahoo.com.br

